



O Semblante da Fotografia na Contemporaneidade ¹

Larissa de Albuquerque WILSON²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

O desenvolvimento da tecnologia permitiu uma nova maneira de estar no mundo. Os equipamentos fotográficos se desenvolveram de tal modo que a fotografia passou a desempenhar um importante papel na contemporaneidade. Atualmente, novas apropriações caracterizam o uso da imagem fotográfica e são responsáveis por um processo de transformação cultural na sociedade, passamos a lidar constantemente com a imaterialidade da imagem. Hoje, a imagem fotográfica vai além do simples registro e é responsável por representar estilos e valores. A verdade é que o cotidiano das pessoas mudou, a imagem passou a ser percebida como um meio de reconhecimento social e de autoconhecimento, em um ciclo constante de criação de imaginários.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; contemporaneidade; cultura visual; tecnologia; comunicação.

TEXTO DO TRABALHO

Breve Considerações da Fotografia na Contemporaneidade

No decorrer dos tempos, a fotografia traçou um papel relevante nas transformações sociais e culturais da humanidade, chegando à contemporaneidade mais presente no cotidiano das pessoas e com novos valores agregados a ela. Boris Kossoy, em seu livro ‘Fotografia e História’ diz que:

A nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente e ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica. (...) A enorme aceitação da fotografia teve, notadamente a partir da década de 1860, propiciou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais. (...) A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais, e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara. (KOSSOY, 2004, pgs. 25-26)

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFAL, email: larissa.wilson@hotmail.com .



O equipamento fotográfico sofreu uma enorme transformação, no século passado, as máquinas de fotografia eram grandes caixas pesadas de difícil manuseio, atualmente, podemos encontrá-las em aparelhos eletrônicos e em pequenos suportes, com uma alta qualidade e *designers* sofisticados. O fato, é que o avanço tecnológico permitiu um grande desenvolvimento na área da imagem fotográfica. Hoje nos deparamos com uma variedade de lentes, equipamentos, lojas, cursos técnicos, e um baixo custo, que possibilita um acesso maior da população à fotografia. Sem dúvida, o surgimento das câmaras digitais proporcionou uma profunda mudança nos hábitos sociais.

Com a evolução das máquinas fotográficas, a imagem tornou-se mais próxima do indivíduo e isso contribuiu para que a fotografia ganhasse mais interferência no cotidiano das pessoas. Ao democratizar as imagens pela sua reprodução, a fotografia contribuiu para a propagação da sua utilização como um suporte para representar e veicular idéias, produtos, recordações e pessoas.

Atualmente, lidamos com imagens a todo instante, e, como dito antes, o conceito de imagem na sociedade mudou e a função da fotografia ganhou novas miradas, ultrapassando a mera função de registro e documentação, ganhando importante lugar diante do imaginário humano. Podemos até afirmar que o mundo contemporâneo se desdobra em imaginários construídos por imagens. Sobre essa nova perspectiva que a imagem adotou na sociedade, a pesquisadora Maria Beatriz Furtado Rahde³ esclarece:

Pregando a complexidade, o híbrido, a desconstrução, as idéias e representações do contemporâneo, essas imagens concebem as mais amplas polivalências da percepção e do imaginário humanos. A procura da liberdade na construção e criação das imagens, não segue uma obediência irrestrita às leis e à razão, como aconteceu em alguns movimentos modernistas, mas caminha noutras direções, numa união entre conhecimento e imaginário, que traduz, reinterpreta e, por isso mesmo, transforma conceitos estéticos em novas formulações imagísticas. Na paisagem urbana das grandes cidades também é possível perceber uma visualidade irreal, por vezes, que vem alimentando o imaginário dos habitantes. (RAHDE, p. 7)

Desta forma, analisando as imagens fotográficas que nos cercam, percebemos que estão seguindo rumos insignificantes que tendem mais a ambigüidade e á

³ Dra. em Educação FAGED/PUCRS. Profa. Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCom/ FAMECOS/PUCRS). Linha de Pesquisa: Cultura Midiática e Tecnologias do Imaginário (CMTI).



indeterminação, como conseqüência extrema de uma busca pela originalidade. De tal modo que, “as tendências de beleza deram lugar aos produtos da indústria cultural e a ironia está por toda parte. É uma nova cultura que foi surgindo e com a qual convivemos num prazer estético transformado”. (RAHDE, p. 9)

Tal atitude nos revela os novos conceitos de liberdade de expressão que estamos vivenciando e que nos remete a uma nova forma de comunicação iconográfica e a uma nova forma de vivenciar a experiência estética, que transcorre pelos imaginários culturais de uma sociedade em mutação e pela imaterialidade das imagens.

Nas palavras da autora Susan Sontag, percebemos essa perspectiva de transformação da fotografia no que diz respeito as suas novas atribuições, dizendo que “Como o fogo da lareira num quarto, as fotos – sobretudo as de pessoa, de paisagens distantes e de cidades remotas, do passado desaparecido – são estímulos para o sonho.”⁴

Diante desse caráter de desenvolvimento das possibilidades expressivas da fotografia e também pela reconfiguração das modalidades de produção e recepção dos signos visuais, trago a tona esses novos questionamentos e juízos de valores vivenciados na contemporaneidade.

O Ato de Fotografar

Toda fotografia resulta de um processo de criação. Há algum tempo atrás, exigia-se, no mínimo, uma noção básica de fotografia para manejar uma máquina fotográfica analógica e alcançar um bom resultado na revelação das fotos, além do mais era algo que possuía um custo alto. Com as câmaras digitais, qualquer pessoa tornou-se apta a fotografar, talvez porque não haja mais uma preocupação de aproveitar bem o filme, já que não é preciso mais comprar filme para fotografar, ou então, como o resultado é instantâneo, podemos avaliar se a foto ficou boa ou não. Os novos equipamentos possibilitam que o usuário faça números exorbitantes de registros e depois escolha aquelas fotos que mais lhe agradaram.

O ato de fotografar tornou-se popular e a imagem passou a ser muito usada. O aperfeiçoamento técnico, a adoção da imagem fotográfica enquanto meio de informação e expressão, sua popularização e penetração nos diferentes setores da sociedade geraram sua expansão comercial, e o seu consumo.

⁴ SONTAG, op. Cit.,p.26.



A imagem hoje é consumida e pouco admirada. Tiramos fotos desordenadamente em grande quantidade e muitas vezes não possuímos tempo suficiente para desfrutar de todos aqueles registros. Condenamos as imagens em um arquivo no computador, não existe mais o hábito de revelar fotos. “É necessário que se compreenda o papel cultural da fotografia: o seu poderio de informarmação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular.” (KOSSOY, 2007, p.31).

Outro ponto que reflete diretamente no ato de fotografar é a possibilidade de modificar posteriormente a imagem fotografada com a ajuda dos programas de edição. Muitos fotógrafos já não possuem o cuidado no ato de fotografar porque sabem que podem contar com a tecnologia para editar suas fotos, ajustando o balanço de cores, a nitidez e até mesmo fazendo alterações, retirando objetos indesejáveis na imagem.

Tais recursos possibilitam também novas criações, as mais diversificadas e ambíguas formas iconográficas. Nossa maneira de ver está em mutação, mesmo sem que percebamos.

Realidade e Ficções

A comunicação imagística é percebida como um cenário de reconhecimento social e de constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que são ou sonham ser.

As manifestações visuais do contemporâneo compõem a sociedade como parte de mitos do imaginário cultural. As visualidades que permearam a modernidade, se apresentam com outros direcionamentos no imaginário da pós-modernidade. Por exemplo, diariamente a mídia cria imaginários, estereótipos são firmados e modas são inventadas. Dessa mesma forma indivíduos têm criado imaginários próprios que se firmam em suportes contemporâneos como a internet.

Mas, antes estabelecer essa relação entre cultura, imagens e imaginários, é necessário frisar que a imagem fotográfica sempre proporcionou um conhecimento de aparência.

O papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória. (KOSSOY, 2007, p. 31).



A imagem sempre revelou mensagens, já que é algo fabricado. Através de um olhar perceptivo, aliado ao olhar mecânico do aparelho que capta imagens, o fotógrafo seleciona um cotidiano e faz um recorte do que lhe convém. A imagem fabricada remate agora a um novo mundo permeado pelo raciocínio e pela imaginação, que o fotógrafo passou a idealizar.

Ou seja, a imagem fotográfica é uma adaptação ao interesse de quem faz o recorte, é, portanto, um vestígio, na medida em que propicia a descoberta de pistas de fatos não diretamente experimentáveis pelo observador. E os retratos, pode-se dizer que são ambíguos, pois aquele que está sendo retratado pode representar um determinado papel diante da câmara.

Tendo ciência que a imagem fotográfica será sempre um acesso a uma segunda realidade, a trama fotográfica se desdobra em realidades e ficções que se confundem e confundem os imaginários, recriando-os.

Tornando-se base para a criação de novas imagens, a fotografia colaborou de maneira indiscutível para a produção imagística de mundos também invisíveis, tornando possível outra visualidade. É preciso entender, que a imagem não se restringe apenas à visão de reprodutibilidade, mas de um real intrínseco, de simulacros e de simulações.

É assim que as imagens do contemporâneo são imagens de participação do espectador, não mais a arte aurática, individual e hermética do artista solitário. A arte hoje é uma arte interativa, produto de um imaginário social e cultural, que muitas vezes ironiza, de maneira sutil, as manifestações artísticas da alta cultura da modernidade, mas sem exclusão do imaginário mítico. (RAHDE e CAUDURO, p. 11)

Na busca de questionamentos para a construção de uma nova visualidade no início do século XXI, encontramos as mais diversas formas de representação das imagens e percebemos a forte influência de um hibridismo, pois, cada vez estão mais unidas e entrelaçadas em manifestações mistas de expressividade.

Convivemos, então, diariamente com essa cultura visual híbrida, nós a aceitamos e, muitas vezes, não percebemos que essas mestiçagens comunicam visualmente o que está ao nosso redor, e também no interior de nós mesmos, pois nossa forma de ver e de apreender o visualizado está se modificando. É possível afirmar que nossos valores, nossas crenças podem ter permanecido, mas esses valores e crenças têm sido re-lidos, re-estruturados, decodificados para uma interação maior com o mundo contemporâneo no qual estamos submersos. (RAHDE, p. 9)



Dessa forma, entendemos melhor a transformação que a cultura visual vivenciou, visto que, a criação da cultura é, consequência, de um ato da imaginação humana, e hoje, o contemporâneo sugere um espaço amplo com várias ferramentas que excita o homem a desenvolver essa imaginação. Compomos imagens mentais, imaginárias ou reais com outras conotações, num inacabável jogo de novas visualidades. A ambigüidade ou a multiplicidade de significados se manifestam na arte do contemporâneo.

Imaterialidade da Imagem

Com as novas tecnologias, surgiram novos suportes como: computadores, *softwares*, internet, entre outros, capazes de arquivar e promover a visualização de imagens fotográficas sem ser necessário partir para o processo de revelação.

Como dito antes, as facilidades trazidas pelas câmaras digitais modificaram os hábitos das pessoas, hoje não se captura apenas uma foto, mas incontáveis fotos, números exorbitantes, e o resultado é um montante de imagens arquivadas em computadores e mídias. Também, não se revela mais as fotografias, nem há mais a preocupação em montar álbuns, essa tradição estar se perdendo no tempo, estamos diante da imaterialidade da imagem. Os álbuns agora são *on-lines* e ficam hospedados em sites de relacionamentos ou plataformas especializadas em guardar imagens.

Em relação à quantidade de fotografias capturadas e processadas no referido período, e como substituição às imagens materializadas através dos negativos e posteriores suportes de ampliação/reprodução, deparamo-nos, hoje, com um montante significativamente maior de arquivos de imagens digitais em nossos computadores, das mais diversas naturezas, desde arquivos pessoais a coleções de fotos realizadas por outras pessoas. No entanto, essas "galerias" são imateriais, não palpáveis, armazenadas como informação em *bits*. Trata-se, portanto, não da imagem em si, mas de sua simulação num suporte que necessita de intermediários não palpáveis. (LEITE, p.6)

Estamos diante de um novo formato da linguagem fotográfica. Não existe mais o papel, um objeto palpável, a fotografia na contemporaneidade subverte a materialidade e agrega novos valores. Ela não possui um único suporte, mas inúmeras possibilidades de existir.



Assim, com essa nova concepção, podemos questionar o objetivo da fotografia, já que procuramos registrar os momentos, justamente, para eternizá-los, e a materialidade nos sugere essa ideia do duradouro, do permanente, mas, em contrapartida, nos satisfazemos com uma representação imaterial, uma imagem digital, composta por *pixels* e arquivada em uma máquina que está suscetível a qualquer momento ao vício e a perder todos os arquivos.

Agora, as possibilidades de subjetivação oferecidas pela imagem digital favorecem à sua manipulação e facilitam a interação da imagem com outras artes. Mais uma vez estamos ante a uma mudança que está ocorrendo nos paradigmas da visualidade e das culturas pós-modernas, é preciso verificar essas rupturas, desestruturas visuais, juntamente com a influência das novas tecnologias, para compreender as hibridações que as artes da comunicação visual da contemporaneidade estão vivenciando.

Construindo Identidades

Com as novas formas de representação da imagem trazidas pelo avanço tecnológico, encontramos um cenário onde a imagem na contemporaneidade se funde cada vez mais em estruturas de redes telemáticas alocadas na internet, fator este, que vem remodelando a construção do nosso universo simbólico e as formas de sociabilidade.

Postar imagens na rede, em sites de relacionamentos ou veicular imagens em redes sociais, tais como *e-mails*, *orkut*, *facebook*, *flickr* e *blogs*, tornou-se uma alternativa para compartilhar registros próprios, assim como ocorria com os antigos álbuns de fotografia. Em meio a tantas ferramentas, é crescente o número de usuários que adotam essas redes virtuais para se autofirmarem, construindo, assim, uma identidade perante comunidade.

As pessoas passaram a ter a opção de criar identidades que desejam para si. Através das imagens, elas reconfiguram o olhar da sociedade de acordo com as imagens que escolhem para serem postadas nesses suportes, criando uma ideia de como são.

O mais interessante, é que algumas vezes a imagem subverte a realidade; a identidade criada passa do âmbito virtual para a vida real, entrelaçando-se, e mudando os valores e o comportamento do indivíduo.

Já podemos perceber certa dependência da sociedade com esses valores. As formas de sociabilidade mudaram. Hoje, é preciso ter uma identidade construída



virtualmente para se socializar, independente do que sejam. Quando conhecemos uma pessoa é comum sermos questionado se temos *orkut*, *facebook* ou *e-mail*, como se fosse algo essencial para dar continuidade aquela relação. O interesse vai além do que é dito, as pessoas querem ver o que as outras andam fazendo. E diante dessa nova situação, o sujeito se sente com a necessidade de passar uma boa impressão e termina apelando para a construção dessas identidades a partir das imagens fotografias. O recurso visual conduz o homem na busca de sua identidade.

Vivenciamos um momento em que as representações tornaram-se essenciais para a sociabilidade. Estamos cercados por uma avalanche de imagens que nos seduz e ilude. A distância guardada entre o signo e o referente muitas vezes se confundem e se devoram.

Na sociedade contemporânea o que prevalece é a força dos simulacros, com a disponibilidade dos meios e a virulência assumida pela reprodução de imagens no nosso cotidiano, é inevitável negar que a visibilidade tornou-se um valor cultural cada dia mais estimado.

Como conseqüência desse processo, as pessoas já não têm mais um caráter ou identidade senão aquele construído pelas imagens. Cria-se, assim, uma identidade de superfície, sem profundidade, mas que ocupa um lugar no espaço e se faz presente.

Considerações Finais

As mutações ocorridas no mundo comprovam o quanto a sociedade tem buscado por novas formas de expressão. A tecnologia criou possibilidades que mudaram os hábitos da contemporaneidade e transgrediram conceitos culturais. A percepção diante do papel da imagem na sociedade mudou e cada vez mais é necessária compreensão e a interpretação dessas transformações.

A idéia das hibridizações nas linguagens visuais é uma caracterização inerente às configurações da cultura contemporânea. As novas conformações da comunicação visual articulam linguagens e propõem formatos diversos.

É por esse motivo que precisamos desenvolver nossas sensibilidades para entender as novas apropriações agregadas à imagem fotográfica, que se configura no contemporâneo.

Não dá mais para analisar as representações da cultura de uma sociedade sem relacionar os imaginários contemporâneos ao seu aspecto comunicacional com todas as novas possibilidades de manipulação digital.



Os hábitos são outros, o dilema do efêmero e do perpetuo convivem juntos nessa nova realidade. As imagens, hoje, estão cada vez mais perdendo a sensação de eternas com a imaterialidade, em contra partida, se transformaram em um instrumento forte, capaz de criar identidades e interferir nos imaginários culturais.

Nesse contexto, as imagens – como consideramos a fotografia – que funcionavam como um instrumento em que o homem buscava por momentos esquecidos, ou até mesmo, não vividos, podem estar condenadas a um futuro sem referencial.

A desconstrução das imagens e dos formatos vem conduzindo a sociedade para novas decodificações na construção iconográfica. Os novos recursos da contemporaneidade dão liberdade à criação e a novas miradas no campo da fotografia, mas é preciso ter consciência do que estar sendo feito.



REFERÊNCIAS

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LEITE, Fernanda Capibaribe. **Por Uma Cultura “Pixelgráfica”**: A imaterialidade da imagem digital e suas conformações narrativas na contemporaneidade. Revista Ciber Legenda. UFES, ed. Maio, 2010. (No prelo)

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. **Comunicação Visual e Imaginários Iconográficos do Contemporâneo**. ECompós, v. 5, 2006.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado e CAUDURO, Flávio Vinicius. **Imagens e Imaginários: do moderno ao pós-moderno**. ECompós, v.9, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.